

ORIENTE MÉDIO/ Em 7 de outubro de 2023, kibbutzim do sul de Israel foram alvo de um massacre do Hamas, que invadiu casas e dizimou famílias. Sobreviventes e socorrista falam ao **Correio**. Trump ameaça "obliterar" facção, que enviou mediador ao Egito



Dorin (E), Bijay (D) e os filhos diante da casa, em Nir Oz, a 2km de Gaza: tiros na parede e cômodos revirados



Bijay, flagrado em um dos momentos em que bloqueou a entrada dos extremistas no quarto seguro: pânico



Rita Lifshitz e o sogro, Oded Lifshitz: idoso de 83 anos foi sequestrado e morto depois de 500 dias no cativeiro



Soldados israelenses visitam memorial no local da festa rave atacada pelo Hamas, no kibbutz Re'im

QUANDO A MORTE BATEU À PORTA

» RODRIGO CRAVEIRO

N a antevéspera do segundo aniversário do massacre de 7 de outubro de 2023, o movimento islâmico palestino Hamas exigiu a libertação de lideranças-chave e de militantes envolvidos na matança, além da retirada das Forças de Defesa de Israel (IDF) de áreas populosas de Gaza. O presidente dos EUA, Donald Trump, ameaçou que o Hamas enfrentará a "completa obliteração", caso agarresse ao poder. Ontem, o negociador-chefe da facção, Khalil Al-Hayya, desembarcou no Egito para dialogar, indiretamente, com o governo israelense, depois de aceitar a libertação de todos os 48 reféns.

Os civis que viram a morte bater à porta de suas casas ou que perderam familiares no atentado — sem precedentes na história do país — são obrigados a conviver com as memórias daquele sábado de horror. Pelo menos 6 mil terroristas, incluindo 3.800 integrantes da Nukhba, a força de elite do Hamas, romperam 119 pontos da fronteira com o sul de Israel e invadiram o território por terra, mar e ar. Fortemente armados, abordaram as vítimas em casa ou na rodovia, fuzilaram e queimaram 1.195 pessoas. Também sequestraram 251 — 48 deles ainda estão em Gaza.

Nascido nos EUA, Yossi Landau, 57 anos, mudou-se para Israel em 1989, onde assumiu o comando das operações na região sul da unidade de resgate Zaka, formada por voluntários. Ele relatou ao **Correio** que, por volta das 6h30 de 7 de outubro de 2023, estava em casa com os 10 filhos e 29 netos celebrando o shabbat, dia sagrado para os judeus, na cidade de Ashdod (sul). "Os alarmes tocaram, e vimos vários foguetes sobre nossas cabeças. Naquele dia, foram cerca de 40. Percebi que havia algo diferente acontecendo", disse. "Vesti o unifor-

me, procurei saber onde dois artefatos tinham caído na cidade e descobri que, graças a Deus, não deixaram feridos. Voltei para casa e encontrei minha família no quarto seguro. O rádio e o celular não paravam de receber ligações da polícia e das Forças de Defesa de Israel (IDF). Às 9h30, o chefe da polícia do sul de Israel pediu-me que dirigisse até Sderot, onde o encontraria."

Acompanhado de dois voluntários do Zaka, Landau deparou-se com um tiroteio na estrada. "Nosso carro foi atingido. Naquele incidente, nove policiais e terroristas do Hamas morreram. Durante o trajeto até Sderot, vi um campo de batalha. Pessoas assassinadas e jogadas no chão. Coloquei 19 feridos em meu carro e consegui salvá-los, após levá-los a um hospital de campanha, na entrada de Sderot", lembrou Landau.

A decisão seguinte foi resgatar 50 corpos espalhados pela cidade. "Eu me aproximei de um carro. Um casal estava morto, dentro do veículo. No momento em que eu verificava a pulsação deles, ouvi um bebê chorar, no banco de trás. A pequenina menina me perguntou, em hebraico, se eu era 'amigo'. Fiquei chocado. Foi o pior que eu podia esperar. Ela me pediu por um sinal para provar que eu era amigo. Dei a ela uma palavra em hebraico. A criança saiu do carro, e cobri os olhos dela para que não visse os pais mortos", disse o comandante do Zaka. "À noite, quando terminamos Sderot, encontramos 152 pessoas mortas na Rodovia 232. Levamos sete horas para percorrer a estrada, em um caminho que levaria 20 minutos. Parávamos para recolher os corpos, muitos deles dentro de carros em chamas. Pessoas foram queimadas vivas."

Então, Landau seguiu até o Nova Festival, uma rave no kibbutz de Re'im, a 5km da fronteira com Gaza. "Coletamos mais de 237 cadáveres

Jack Guez/AFP



Militar de Israel inspeciona casa destruída no kibbutz Be'eri: pais testemunharam a execução dos filhos

em quatro horas e meia. Então, alcançamos os kibbutzim; o primeiro deles, Be'eri, na manhã de domingo, em hebraico, se eu era 'amigo', desabafou. "Ao entrarmos nas casas, vimos famílias inteiras executadas, com sinais de tortura. Havia pedaços de corpos faltando. Pais viram os filhos serem assassinados, e vice-versa."

Quarto seguro

Dorin Rai vivia em Nir Oz com o marido, Bijay, e os três filhos — duas meninas, de 13 e de 11 anos, e um menino, de 9. Às 6h30 daquele dia, despertaram com explosões e alarmes. "As crianças choravam. Sentimos que algo grande estava acontecendo, parecia que tínhamos sido colocados no meio de uma guerra. Quando sai de casa e fui à varanda para buscar nossos dois cães, pen-

sei ter escutado tiros. Os terroristas invadiram o nosso lar, aos gritos de *Allahu Akbar* ('Deus é maior'). Por quatro vezes, tentaram abrir a porta do quarto seguro, mas Bijay conseguiu empurrá-los e trancou-nos lá dentro, salvando nossas vidas", contou ao **Correio**. "Durante 12 horas, meu marido bloqueou a porta. Os terroristas destruíram e levaram tudo o que puderam: televisores, microondas, pratos, sapatos, joias e bicicletas." O filho caçula entrou em pânico e sofreu convulsões, durante a primeira invasão do Hamas.

Por várias vezes, ela pediu aos filhos que chorassem sem fazer barulho. "Eu rezava para que morrêssemos juntos. Às 18h, os soldados nos resgataram", comentou Dorin. "Meus filhos viram uma mulher com o rosto desfigurado, de tanto apanhar. Bijay ajudou a identificar os mortos, a pedido das autoridades."

Resiliência

Rita Lifshitz, 61, deixou Nir Oz às 20h30 de sexta-feira, 6 de outubro, dez horas antes da chegada do Hamas. Há duas décadas, costumava ensinar os idosos do kibbutz sobre como deveriam proceder no caso da presença de terroristas dentro da comunidade. "Ao fim daquele sábado, telefonei para um grande amigo de meu filho. Soube que ele e a irmã haviam morrido. Meu sogro, o avô de meu filho, não está mais aqui conosco. Não tenho mais com quem beber um copo de cerveja aos sábados, na casa dele", desabafou ao **Correio**. Oded Lifshitz, 83, foi executado depois de 503 dias no cativeiro, em Gaza. "Somos refugiados em Israel e tivemos que nos mudar de Nir Oz. Às sextas-feiras, eu cozinhava para o kibbutz. Não tenho feito isso há dois anos. Nós somos fortes e retornare-

Relato de um herói

Zaka



"Nas 16 semanas posteriores ao 7 de outubro de 2023, eu não pude fitar os olhos dos meus filhos e netos, abraçá-los ou beijá-los. Eu não pude nem sequer voltar para casa. Eu e meus colegas apenas pensávamos: 'Por que não morremos? Por que eles tiveram misericórdia de nós? Por que os outros? Eu me colocaria no lugar daquelas pessoas. Nós ainda lutamos para permanecermos no nosso normal.'"

Yossi Landau, comandante das operações na região sul da unidade de resgate Zaka

mos a Nir Oz. Precisamos que todos os reféns voltem", disse.

Filho de Rita e neto de Oded, Daniel Lifshitz considera importante que os reféns sejam libertados em 72 horas, sem atrasos, dentro do plano de Trump. "Israel está pagando um preço alto ao libertar assassinos em massa e os piores terroristas", afirmou ao **Correio**. "É importante seguirmos adiante com as libertações, o quanto antes. Nir Oz começou a ser reconstruído, passo crucial para vencermos o trauma. Esperamos que os nove reféns retornem ao kibbutz até o próximo shabbat."

ESTADOS UNIDOS

Trump declara Chicago "zona de guerra"

» ISABELLA ALMEIDA

O governo de Donald Trump classificou, ontem, Chicago como "zona de guerra", para justificar o envio de soldados da Guarda Nacional contra a vontade da prefeitura da cidade, enquanto a Justiça impediu que a Casa Branca enviase tropas para outro município também governado por democratas. A oposição acusa o presidente republicano, que lançou uma intervenção contra o crime e a imigração, de exercer o poder de maneira autoritária.

No sábado, o titular da Casa Branca autorizou o deslocamento de 300 homens da Guarda Nacional para Chicago, a terceira maior cidade dos EUA, apesar da oposição de autoridades locais, incluindo o governador de Illinois, JB Pritzker. A secretária de Segurança Interna, Kristi

Noem, afirmou à emissora Fox News que Chicago é "uma zona de guerra".

Em entrevista à rede CNN, Pritzker acusou os republicanos de semearem o caos. "Eles querem criar uma zona de guerra para poder enviar mais tropas. Eles precisam sair daqui o mais rápido possível", disse. Uma pesquisa da emissora CBS publicada ontem revelou que apenas 42% dos americanos apoiam o envio da Guarda Nacional para as cidades, enquanto 58% se opõem.

Na terça-feira, Trump tinha acenado com o uso do exército para uma "guerra interna". "Portland está em chamas. Há insurgentes por toda parte", declarou, ontem. A estratégia do presidente republicano de recorrer ao exército para manter a segurança interna encontrou um obstáculo na noite de sábado, em Portland, no Oregon, quando um

tribunal determinou que o destacamento militar na cidade era ilegal.

Em entrevista ao **Correio**, Jon Rogowski, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de Chicago, afirmou que, apesar de alegar que essas ações são necessárias devido à violência e à desordem na cidade, "o que o governo Trump está fazendo é inflamar as tensões em Chicago, em vez de reduzir a violência". "Com isso, o presidente está preparando o terreno para uma demonstração ainda maior de força federal e abuso de poder", advertiu.

O especialista detalha que, ao federalizar a Guarda Nacional contra a vontade do governador do estado, Trump configura o uso excessivo do poder. "Prevejo que a ação será contestada judicialmente e que o governo perderá. Teremos que aguardar

para ver se esses casos chegarão à Suprema Corte e, em caso afirmativo, se ela estará disposta a restringir o exercício do poder por Trump."

Bloqueio

Trump descreveu Portland como uma "cidade devastada pela guerra", mas uma juíza federal emitiu um bloqueio temporário à mobilização, argumentando que "a determinação do presidente não corresponde aos fatos". Embora Portland tenha sofrido ataques isolados contra agentes e propriedades federais, o governo de Trump não conseguiu demonstrar "que esses episódios de violência fazem parte de uma tentativa organizada de colapso do governo", afirmou.

No sábado, em Chicago, um agente federal atirou contra um

Octavio Jones/AFP



Mulher é detida durante choques com a Patrulha de Fronteira, na cidade

motorista que, segundo o Departamento de Segurança Interna, estava armado e investiu contra uma de suas patrulhas. Em 12 de setembro, agentes do ICE mataram Silverio

Villegas González, um imigrante de 38 anos que teria tentado escapar durante uma abordagem de trânsito, quando seu veículo colidiu com uma viatura da polícia.